

O MEDO DAS PROFUNDEZAS: UMA EXPLORAÇÃO DO IMAGINÁRIO DOS OCEANOS

NAÍMA ZEE DE SOUZA DURO¹; MARINA COUTO LANDIM²; MAINÔ CLAUDIO CAETANO³; CAROLINE LEAL BONILHA⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – naimazeesd2@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – marina.couto96@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – mainoclaudiocaetano@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – caroline.bonilha@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa iniciou-se na disciplina de Iconologia II do curso de Artes Visuais bacharelado, a partir de uma atividade avaliativa desenvolvida com base na metodologia do *Atlas Mnemosyne* de Aby Warburg (Alemanha, 1866 - 1929). Buscamos entender como o processo de criação e o desenvolvimento de práticas artísticas foram e são influenciados pelo temor do desconhecido, especificamente, o medo dos oceanos e das águas profundas.

Como método de estudo, foi utilizada a metodologia elaborada por Aby Warburg em seu *Atlas Mnemosyne*, desenvolvido como meio de organização visual de um pensamento, articulando espacialmente saberes teóricos e práticos do campo artístico. Warburg, pesquisador de arte alemão, formulou este mecanismo de pesquisa fundamentado no entendimento de três princípios: primeiramente, as imagens isoladamente fornecem informações específicas de um período, uma vez que são permeadas pela história e cultura de um tempo. Outro fator seria a implicação de cada elemento constituinte da imagem, afetando futuro e passado, nem sempre cronologicamente, mas para estender uma temática ao longo dos anos trazendo novas camadas de saberes e interpretações. Como terceiro fator, cada imagem, quando colocada ao lado de outra, pode causar no espectador diversas interpretações e novos caminhos de leitura crítica.

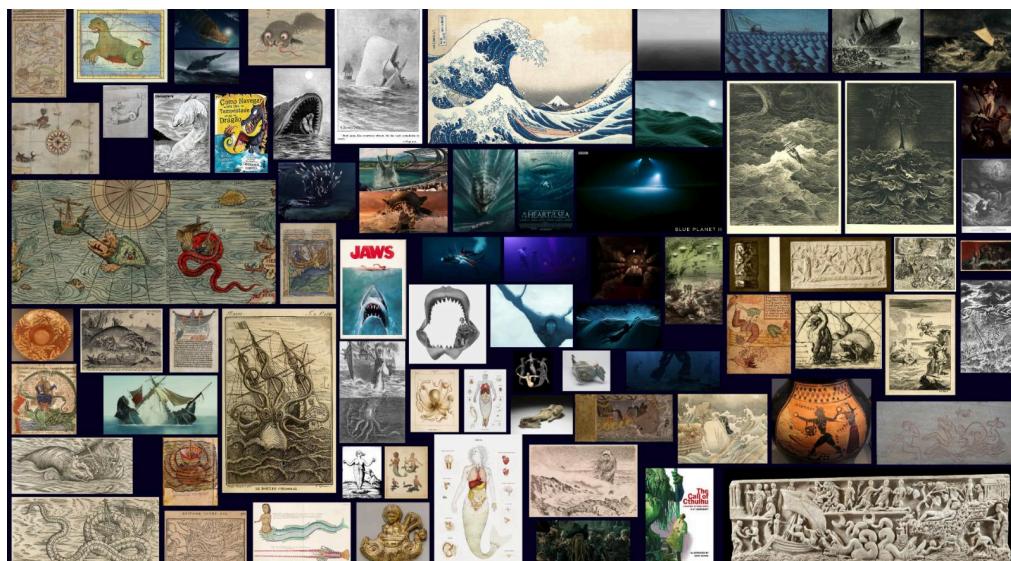
Nossa análise explora diversos fatores, como contexto histórico e geográfico, diretamente atrelado a como uma das mais fortes e antigas emoções humanas, o medo (JOSHI; SCHULTZ; 2001), é refletida na mitologia e na produção artística pelo globo. Embora tenhamos exemplos de múltiplas culturas asiáticas e dos povos originários da Oceania e das Américas, a maioria das obras e textos analisados acabam sendo de origem e/ou lentes europeias. Por conta do colonialismo e genocídios étnicos, muitas histórias e obras não foram consideradas importantes o bastante para serem registradas e traduzidas, seja para o português ou inglês.

O temor do mar e seus territórios desconhecidos se traduz então no medo das profundezas, de onde surgem criaturas que habitam o imaginário dos oceanos. Este trabalho toma como objeto de pesquisa os pontos de similaridade entre temáticas e narrativas nas obras selecionadas de diferentes origens temporais e locais, e como a representação desse medo se modificou ao longo da existência humana, das grandes navegações até o contemporâneo.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Com esta temática em mente e o método selecionado, realizamos o exercício fazendo um levantamento de diversas obras produzidas no decorrer da

história da arte. Espacialmente, foram selecionadas imagens fabricadas tanto em um contexto ocidental, quanto oriental. De modo a contemplar essa constelação imagética, escolhemos algumas possibilidades de caminhos de leitura a fim de problematizar a temática do medo do desconhecido e o imaginário. Foram selecionados um conjunto de 74 imagens, percorrendo os caminhos: “Oceano como Sujeito”, “Criaturas Gigantes”, “Criaturas Humanoides” e “Homem X Natureza”.



Painel Mnemônico. Mainô Claudio, Marina Couto, Naíma Zee. Disponível em:
<https://prezi.com/view/D0pijCP9iHC60klfKmVn/>

No painel, organizamos as imagens de forma anacrônica, sendo distribuídas em função dos 5 caminhos de leitura apontados no trabalho. Apresentamos imagens desde antes de 1500 até os dias atuais, nas quais podemos observar *frames* de filmes e jogos, ilustrações de livros, pinturas, gravuras, esculturas, desenhos e fotografias com a temática do oceano e das criaturas que habitam o imaginário de suas profundezas.

Anteriormente ao chamado período das Grandes Navegações, apresentava-se a necessidade de um desenvolvimento tecnológico das embarcações, na tentativa de lidar com a “constante adaptação às mudanças e as condições e circunstâncias em um mundo onde o azar, a incerteza e a ambiguidade dominavam.” (Murray, 1994, p. 1 apud Vigo, 2005, p.12, nossa tradução). Tais condições de fatalidade e insegurança enfrentadas pela humanidade durante séculos de viagens em alto mar e cruzadas transoceânicas acabam por originar um imaginário a respeito do oceano, uma percepção repleta de seres quiméricos e horizontes misteriosos.

No decorrer desta investigação tornou-se perceptível que, no meio artístico, uma das formas como este imaginário se manifesta é através da presença de um oceano revolto e opaco, com ondas ameaçadoras engolindo barcos e ocultando mistérios. Foram organizadas no caminho denominado **O oceano como sujeito** as imagens onde não se encontra a representação de uma criatura aquática monstruosa, mas sim do próprio mar como força agente.

A presença de um mar impiedoso pode ser verificada tanto no poema *O conto do velho marinheiro* (1798) do célebre poeta inglês Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) quanto nas ilustrações dos versos feitas pelo artista gravador Gustave Doré em 1876. As gravuras retratam uma imensidão de água em grande

agitação, de modo que o navio e seus passageiros encontram-se à mercê de suas ondas, Doré enfatiza a movimentação e a impenetrabilidade das águas revoltas. Nessa percepção do oceano como uma grande força da natureza, o enfoque narrativo ou imagético se dá na representação de um meio em constante modificação, de potência intimidadora.

Em navios de madeira movidos ao vento, as tripulações se depararam com uma vastidão azul, se estendendo além do horizonte, apenas o céu e uma imensidão de água salgada. Para habitar esse enorme espaço, o imaginário humano produziu uma diversidade de imagens apresentando **Criaturas gigantescas**, constituindo mais um caminho de leitura do painel.

“Com o fogo que lança, abrasa como a boca de um forno, com uma chama tão alta e tão ardente que os [aos marinheiros] faz temer pela morte. O seu corpo é excessivo, e solta mugidos com maior força que quinze touros juntos. [...] As ondas que desloca são tão altas que não necessita de mais nada para provocar uma tempestade.” (Apolinário, 2014, p. 163). APOLINÁRIO, Maria Raquel. Projeto Araribá: história. São Paulo: Moderna, 2014.

Os muitos monstros que surgiam por debaixo das ondas e surpreendiam os marinheiros do passado, eram apenas grandes animais marinhos ainda desconhecidos. Por exemplo, das lulas gigantes e baleias, surgem então seres como o Kraken, ilustrado na gravura *Polvo colossal* (1801) de Pierre Denys de Montfort, e peixes gigantescos que expelem água para afundar navios presentes no livro *Historia animalium* (1516-1565) de Conrad Gessner. A respeito do nosso oceano, mesmo hoje, conhecemos pouco dos mais de 1330 milhões km³ de água salgada em constante movimento por correntes oceânicas, alcançando profundidades médias de 3 km e máximas de 11 km. Esse imenso “vazio” dá espaço para imaginarmos criaturas monstruosas, como os antigos cartógrafos muitas vezes “ilustravam as partes mais remotas do globo com ilustrações de dragões e répteis monstruosos, polvos e lulas” (PASCUZZI e WATERS, 2020, pg. 128), como pode ser percebido na *Carta marina* de Olau Magno de 1539.

Histórias de seres antropomorfos existem há milhares de anos abrangendo culturas de todo o mundo, e o caminho de leitura **Criaturas humanoides** busca investigar criaturas com traços humanos e de animais marinhos habitantes das profundezas do imaginário de diversos povos. Nessas imagens, o medo de algo não é humano, mas parecido com um, se une ao temor de algo que entra no mar e volta diferente. Não é apenas o que o mar abriga que traz ameaça e morte, mas também o que ele faz desaparecer sob suas ondas, e que retorna. Dessa forma, o oceano faz nascer e renascer monstros (PASCUZZI e WATERS, 2020). Dentro desta subtemática, podemos citar como referência as sereias transmorfas *Selkies*, presentes em diversas culturas de origem celta e nórdica, a figura dos *Qalupalik* na mitologia dos povos Inuítes e os *Sea-Draugr* da cultura escandinava, criaturas mortas-vivas as quais pereceram no mar e retornam a terra firme para assombrar vilarejos e familiares.

Durante a nossa pesquisa, tornou-se evidente que, a partir das Grandes Navegações, devido a subsequente globalização, as características da sereia Européia passaram a ser incorporadas no imaginário de diversos povos colonizados, sendo um exemplo claro os mitos desses homens-peixes do Brasil. Outra questão interessante presente neste percurso é a cientificação das sereias como resposta ao medo do desconhecido, uma tentativa de racionalizar sua existência, sendo ilustradas em encyclopédias e em livros descritivos de fauna,

além da fabricação de “sereias mumificadas” que perduraram por décadas a crença da existência desses seres.

O caminho **Conflito entre Homem e Natureza** se sintetiza por meio do reconhecimento de uma abundância de mitologias e expressões estéticas que empregam uma figura humana em situação de conflito com uma criatura marinha. A partir destes parâmetros, passamos a analisar as diferentes maneiras na qual a temática de um embate entre homem e natureza se apresenta. Uma das narrativas mais antigas e recorrentes é a da figura de um herói humano, representante do bem e do divino, confrontando um monstro marinho, personificando o caos e o mal. Como exemplo, as histórias de Marduk contra Tiamat, Perseu contra Cetus, Deus contra Leviatã e Thor contra Jörmungandr. Outra manifestação deste tema se dá através da relação conflitante entre uma poderosa força da natureza e uma forma humana não agente, muitas vezes vulnerável e passivo diante o ambiente. Nesta interação, o próprio oceano ou uma criatura torna-se o sujeito ativo na narrativa, como pode ser observado nas ilustrações de *Moby Dick* (1892) por Augustus Burnham Shute, *Pinóquio* (1902) por Carlo Collodi, e em filmes como *Tubarão* (1975) e *No coração do mar* (2015).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a presença de tamanha diversidade de narrativas e temáticas a respeito do oceano demonstram algumas formas como o medo das profundezas do mar impulsionou e ainda fomenta a produção de imagens por todo o globo. Além disso, o desenvolvimento, construção e análise desta investigação por meio do painel mnemônico proporcionou a compreensão das mudanças narrativas e representacionais figuradas nesta temática visual artística. A utilização da metodologia do *Atlas Mnemosyne* de Aby Warburg facilitou a compreensão deste vasto tema pesquisado em produções ocidentais e orientais, e assim, possibilita uma constelação de diálogos entre regiões e culturas diversas. A presente pesquisa visou aprofundar um entendimento direcionado para o medo do oceano e a criação de um imaginário plural que estimula uma extensa produção de obras. É necessário salientar que, devido a uma vastidão de imagens e temáticas ainda não exploradas, esta investigação apresenta áreas para possíveis futuros desdobramentos dos caminhos já exemplificados.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLERIDGE, S. T. **A balada do velho marinheiro** [recurso eletrônico] : multilíngue / organização, Daniel Serravalle de Sá, Gisele Tyba Mayrink Orgado. – Dados eletrônicos.– Florianópolis : CCE/UFSC, 2018.

JOSHI, S. e SCHULTZ, D. **An HP Lovecraft Encyclopedia**. Bloomsbury Publishing USA, 2001.

PASCUZZI, F. e WATERS, S. **The Spaces and Places of Horror**. Wilmington DE: Vernon Press; 2020.

VIGO, Jorge Ariel. *Fuego y Maniobra: breve história del arte táctico*. Argentina: Docuprint S.A., 2005.